



A Comunicação como Autopoiese na Guerra¹

Prof^a Dr^a Dulce A. Adorno-Silva²

PUC-Campinas

Resumo:

Parte da visão sistêmica do século XIX, com base na obra de Clausewitz, que vê a guerra e a política como sistema orgânico (organismo humano), para fazer reflexão sobre a Primeira Guerra Mundial. Desataca os conceitos de comunicação e de informação dentro do sistema da guerra com o objetivo de mantê-lo como poder. Pontua a insegurança do sistema, devido à fragilidade da verdade. Com base em Capra, retoma o conceito atual de sistema (Cibernética) para comprovar, por meio de argumentos de fatos (documentais) ocorridos durante o conflito, que todo sistema ameaçado pode se reconstruir (autopoiese), por meio da comunicação, que usa mentiras para ganhar a massa e também para destruir o sistema inimigo. Compara a comunicação com a massa do país em guerra com a dirigida ao inimigo. observando o uso da Utiliza para reflexão a teoria crítica da e os métodos: complexo e dialético.

Palavras-chave: guerra; visão sistêmica; comunicação; autopoiese; Primeira Guerra Mundial

A circulação como comunicação:

A comunicação sempre foi importante para a sustentação do Poder, porque, se ele é numérico, ou seja, depende do apoio da massa, é preciso que com ela se comunique para que se mantenha, ou seja, permaneça como poder. Por esse motivo, é preciso recuperar a etimologia da palavra *communicare*: tornar comum alguma coisa: informação ou mensagem. A fim de que se sustente a análise sobre a importância da comunicação nas guerras, inicia-se a reflexão tendo como base um dos livros mais importante para a sustentação estratégica, tática para as duas grandes guerras, destacando-se a visão da guerra inserida no sistema político.

¹ Trabalho apresentado no DT 2 Publicidade e Propaganda, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora doutora do Centro de linguagem e Comunicação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, dulceadorno@puc-campinas.edu.br e d.adorno@uol.com.br



No capítulo XV: As Linhas de Comunicação, do livro: Da Guerra, Clausewitz, entende como comunicação o uso das estradas, ou seja, a possibilidade de deslocamento e de acesso para o avanço das tropas, assim como a retirada delas. Enfim, engloba tudo o que serve como principais reservatórios para o abastecimento e para o equipamento, constante das tropas. (1996: p.447). Nesse sentido, a circulação: de suprimentos para os exércitos, tanto de abastecimento (alimentos, por exemplo) quanto de equipamentos bélicos, representam as veias e as artérias para o funcionamento do exército durante a guerra.

Dentro da visão filosófica que se expandiu do século XIX para as grandes guerras mundiais, a sociedade é vista como um organismo coletivo (a partir de Auguste Comte), no qual a circulação funciona como a corrente sanguínea do organismo humano. Assim, quando se refere a esse movimento de abastecimento, insere-o no sistema como um todo, ou seja, como um organismo humano, cuja significação se revela por meio do uso dos signos verbais empregados pelo autor: artérias vitais, circulação etc:

As linhas de comunicações pertencem a esse todo; elas ligam a base ao exército e devem ser consideradas como outras tantas artérias vitais. As entregas de toda espécie, os transportes de munições, os destacamentos de vão e vem, as estações do correio e as correspondências, os hospitais e os depósitos e reservas de munições, as autoridades administrativas, todos esses serviços circulam incessantemente nessas estradas e o seu valor global é de importância decisiva para o exército. (p.447)

Embora considere as estradas como vias de comunicação, limita o valor delas quando são colocadas como “vias auxiliares” (apud), visto que o exército pode utilizá-las de outra forma ou abandoná-las e/ou fazer novas escolhas, à medida que avança em território inimigo. Mas observa a importância dessas linhas de comunicação em país inimigo; “(...) só aquele cujas linhas de comunicação são superiores às do inimigo alcançará efetivamente os seus objetivos...”(p. 450). Além disso, à página seguinte (451), reitera a ideia do organismo coletivo ao referir-se a essa visão de comunicação iniciada no século XIX; “As maiores artérias que atravessam as mais ricas cidades e os territórios mais bem cultivados são as melhores linhas de comunicação.”

Porém, ao reconhecer a importância das estratégias contidas no livro de Clausewitz para as guerras que envolviam populações inteiras, a fim de entendê-las, passa-se a seguir ao conceito de sistema antes do explicitar o que significa informação para o autor, com o objetivo de fazer reflexão sobre a importância da comunicação dirigida à população externa ao exército e que se iniciou na Primeira Guerra Mundial.

A guerra no sistema político:



O conceito de sistema se constrói pela ideia do todo e das partes, que o constituem, não exemplificado somente pelo corpo humano: “Cada criatura”, escreveu Goethe, “é apenas uma gradação padronizada de um grande todo harmonioso” (CAPRA, 2006, p.35). Em seguida, o autor analisa as variações conceituais de sistema (p. 39) (...) ‘um sistema passou a significar um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes, e “pensamento sistêmico” é a compreensão de um fenômeno dentro do contexto de um todo maior.

Observa ainda a vida tem tendência para “formar estruturas multiniveladas de sistemas dentro de sistemas.” (p.40). Tudo faz parte de um sistema maior, ou seja, “sistemas vivos aninhados dentro de outros sistemas vivos.” Constata-se que é uma visão de mundo, científica na qual se baseiam várias áreas de conhecimento.

Partindo dessa visão, a guerra não se faz apenas como confronto entre exércitos, porque visa à dominação do inimigo. Ela acaba por se caracterizar não somente como um combate no qual se confrontam os exércitos dos países envolvidos, mas se inicia por meio do conflito político entre nações, ou seja, ela é, como afirma Clausewitz, um instrumento da política e dela depende, visto que é decorrente das relações políticas que estruturam tanto os tempos de paz como os de guerra. Expandindo essa concepção, a guerra consiste em um sistema dentro do sistema político. Nesse sentido, ele declara (...) “A verdade é que ela tem a sua própria gramática, mas não a sua própria lógica.” (p.870). E continua:

Não se pode, pois, separar a guerra das relações políticas e, se tal acontecesse, Num ponto qualquer de nosso enunciado, todos os filamentos dessas relações seriam de certo modo destruídos e teríamos uma coisa privada de sentido e intenção. (p.870)

Dessa forma, o autor insere a guerra no sistema político, uma vez que ela não pode seguir as suas próprias leis, mas deve ser considerada como parte de um todo que dela difere: a política. (p.871). Para ele, o ponto de vista da guerra subordina-se ao ponto de vista político. Mas, como a guerra é um subsistema do sistema político, ele é responsável pela comunicação e pelo controle do sistema e, por conseguinte do subsistema bélico.³ Embora Capra afirme que a análise de sistemas desenvolveu-se com base em pesquisas operacionais, análise e planejamento de operações militares durante a Segunda Guerra Mundial, pode-se contrapor

³ Conforme Norbert Wiener, citado por Capra, a teoria geral dos sistemas recebe um nome especial: “cibernética”: a palavra *kybernetes*, de origem grega (“timoneiro”), que define a cibernética como a ciência do “controle e da comunicação no animal e na máquina”. (p.56).



com base em Clausewitz, que a Primeira Guerra já se utilizava dessa visão, mesmo sem ainda se denominar essa ciência como Cibernética

A partir da guerra como sistema, importa considerar o padrão de organização. Existe alguma coisa a mais na vida, alguma coisa não material e irreduzível, que Capra denomina: *padrão de organização* (CAPRA, p.79), que pode ser aplicado ao sistema da guerra, que é não linear, mas cíclico e que pode ser um caminho a ser percorrido no território inimigo, por meio do controle e da aprendizagem que ocorre através dos próprios erros.

Como a guerra sempre precisou se auto-organizar continuamente para se sustentar e dominar o inimigo e como sua organização não depende unicamente de suas “linhas de comunicação”, definidas por Clausewitz, mas dos seres vivos, entende-se que ela, como um sistema, deve também se realizar pela autopoiese, assim conceituada por Capra: “*Auto*, naturalmente, significa “si mesmo” e se refere à autonomia dos sistemas auto-organizadores, e *poiese* – compartilha da mesma raiz grega da palavra “poesia”, significa “criação”, “construção”. Portanto, autopoiese significa “autocriação”. (p.90).

Na guerra, porque ocorrem situações inesperadas vindas do inimigo, há contínua reconstrução de estratégias e táticas dentro do sistema. Logo, é fundamental observar que tudo que se insere dentro do processo de guerra não é estável e pode ou deve ser modificado continuamente. Um dos elementos responsável pela autopoiese, sem dúvida alguma é a comunicação não reduzida à circulação viária, de suprimentos, equipamentos etc, mas a informação dentro do próprio sistema: exército, como também dentro do grande sistema político, ou seja, fora do exército, pois a massa é que sustenta o poder político; ele é numérico.

A informação dentro e fora do sistema de guerra

Clausewitz conceitua informação como “o conjunto de conhecimentos relativos ao inimigo e ao seu país e, por consequência, a base sobre a qual se fundamentam as nossas próprias ideias e os nossos atos.” (p. 79), mas reconhece a informação como duvidosa e instável (apud), porque “a guerra é um edifício frágil que pouco é preciso, para que desmorone e nos sepulte sob os seus escombros.”(Ibidem). Por esse motivo, situa a fragilidade das informações que podem ser contraditórias (“quase sempre”), falsas (“a maior parte”) e, “as mais numerosas, sofrivelmente suspeitas” (Ibid.). Por esse motivo, insere-a na “lei das probabilidades”. Ainda sobre a fragilidade da verdade, segundo o autor, ocorre devido à fraqueza ou covardia das pessoas, que sem dúvida alguma, fragilizam-se, quando se sentem ameaçadas por um inimigo



externo ao seu país, uma vez que correm o risco de perderem a nação, o território, enfim a própria família, o que faz com que acabem por se renderem ao inimigo.

O modo como conceitua informação limita-a ao contexto (sistema) da guerra, ou seja, na especificidade do objetivo de sua obra. Todavia, Norbert Wiener define-a assim:

Informação é termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele, e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido. O processo de receber e utilizar informação é o processo de nosso ajuste às contingências do meio ambiente e de nosso efetivo viver nesse meio.
(p.17-18)

Mesmo em situação bélica, a informação significa o conteúdo de nossa comunicação com o mundo, mas não no sentido amplo, mas limitado ao sistema de guerra, reafirmado pela frase: “nosso efetivo viver nesse meio”. Portanto, a fragilidade da informação enunciada por Clausewitz, está de acordo com o contexto da guerra, situando-se dentro da lei das probabilidades, o que fragiliza a verdade. Essa visão é reiterada por Paul Virilio, quando declara, citando Rudyard Kipling: “A primeira vítima da guerra é a verdade.” (1994, p.46).

A fragilidade da verdade não se centraliza na contraposição com o que se considera erro, visto que a própria ciência entende a relatividade da verdade, que tende a ser superada, conforme o avanço científico. Nesse sentido, Morin (2000, p.147-156) introduz a concepção de errância que corresponde à flexibilidade do jogo da verdade e do erro. Mas, essa flexibilidade parece impossível existir dentro do sistema de guerra, porque toda a verdade sucumbe ou submete-se ao controle, que se faz necessário para que a massa concorde com a violência. A fragilidade da verdade comunicada, dentro e fora do sistema, pode dificultar a manutenção do sistema e sua reconstrução (autopoiese), quando o sistema inimigo passa a efetivar a ameaça.

Por esse motivo, a comunicação com o sistema interno das forças militares depende de estratégias em função do controle, para sustentação das ações militares, assim como ela é fundamental para o sistema político. Uma vez que o poder político depende do apoio das massas para se sustentar e ter duração, a comunicação fora do sistema militar também se torna controle responsável pelas ações bélicas, na medida em que conquista o apoio das massas, com a finalidade de reiterar as ações de guerra.

A Comunicação como Autopoiese na Primeira Guerra Mundial

O estado de exceção possui um fechamento maior do que o totalitário, visto que o direito fica completamente tolhido. Esse fato causa total desajuste nos relacionamentos entre os homens, que se sentem ameaçados como um todo: o território é o lugar que pode ser invadido pelo inimigo; a ideia de nação fica abalada, pois se configura a possibilidade de perda das tradições e da história, por esse motivo todas as características do estado nacional são usadas



internamente apenas em função da legitimação do poder. Assim, tendo como objetivo a coesão social em torno da causa, a propaganda de guerra funciona como estratégia para reafirmar o sistema político ameaçado ou em processo de destruição, a fim de que, por meio dela, ele seja reconstruído para reconstruir a coesão social. Portanto, com a estabilidade abalada, a segurança desaparece; a legitimidade do Estado, que corresponde ao consentimento da maioria, fica limitada, assim se faz necessária a busca da unidade nacional, por meio da propaganda, em função da sustentação da violência.

Diferente do totalitarismo, que, apesar do terror instituído, mantém a unidade nacional e preserva a soberania, no Estado de exceção, essa é ameaçada, diante da possibilidade de ocupação de território pelo inimigo. Por esse motivo, suas características não podem ser compreendidas no plano do Direito, porque esse tipo de Estado se apresenta como a forma legal daquilo que não pode ter forma legal: a violação do direito à vida. Para justificar ações que infringem regras sociais das mais antigas como: Não matarás! – lançam mão de mentiras e/ou meias verdades: informações que se legitimam por quaisquer meios.

Se o indivíduo que vive em uma sociedade em guerra não possui certeza da verdade, porque ela é frágil, então para que creia na necessidade do conflito, é preciso que o Estado, que controla a informação, use os meios de comunicação com o objetivo de persuadir aqueles que estão fora da luta armada. A comunicação como estratégia para sustentar o estado de guerra, para que não haja a destruição do sistema, mas o controle, foi usada durante a Primeira Guerra Mundial.⁴ Essa descoberta é comprovada por Benito Mussolini, que esteve sempre ciente da importância da propaganda, cuja frase: *A propaganda é a minha melhor arma!*⁵ - resultou na expansão do rádio por toda a Itália, a fim de cooptar a massa em torno do Totalitarismo que se expande para a guerra.

Nenhum tipo de Estado sobrevive sem a comunicação, mas o que diferencia cada um é o processo comunicativo, uma vez que, no tipo em questão, a informação, sob controle, vem a público em função dos interesses do Poder político (o timoneiro da guerra), que busca o apoio da massa, para sustentar-se. Logo, nas guerras, o fluxo de comunicação é unidirecional e pede resposta imediata (E-R). A sociedade circula em torno do poder, com o qual concorda, porque se acha abalada pela ameaça que vem de fora. Como a massa, reage pela emoção: medo,

⁴ Conforme MATTELART, Armand, cap 3: A Primeira Guerra Mundial foi um conflito em que guerra política, econômica e ideológica tornaram-se tão decisivas quanto as operações no terreno das armas. A preocupação da Alemanha era unificar seu território dividido. Durante o conflito, houve da parte das forças da Entente (Inglaterra, França e Rússia) e, depois, dos Estados Unidos a preocupação em ganhar a adesão da população.

⁵ Paul VIRILIO, Guerra e Cinema, p. 126



insegurança etc e, por causa do inimigo comum, une-se em torno do Poder, o que tem como consequência a coesão social. Se a população se torna mais coesa, fica mais receptiva à comunicação unidirecional e passa a agir como a massa (une-se em torno de uma meta: derrotar o inimigo comum). A concepção da comunicação como autopoiese foi adotada em países da Entente, como a França. Nesse país, segundo Mattelart (p.64), a informação foi colocada em estado de sítio⁶ e, em 1915, foi criada a Section d'Information e “foi instalado o Bureau d'Information Militaire (BIM), junto do qual eram credenciados os correspondentes de guerra.” (p.66).

Mas, como fato exemplar, ocorrido durante a Primeira Grande Guerra, se situa a propaganda dos Aliados, planejada pelo Comitê Creel, criado em 1917, nos Estados Unidos, cujo objetivo era: “vender a guerra ao público americano e vencer a reticência dos pacifistas.”⁷ Desde então, desencadeou-se a exposição de imagens, depois de censuradas, ou a seleção ardilosa de textos informativos para divulgação, a fim de conquistar a opinião pública. A atuação do Comitê Creel não se limitava a manter o sistema bélico por meio do apoio dos cidadãos dos países envolvidos, mas procurava exercer influência sobre os outros países para conseguir deles a adesão contrária à Itália e à Alemanha.

Da mesma forma, com o objetivo de persuadir a China a apoiar os aliados, em 1917, em Londres, o Department of Information substituiu a legenda de duas fotografias: uma com cadáveres de soldados que seriam transportados para a linha de retaguarda para serem sepultados e outra com pedaços de cavalos que seriam enviados para uma fábrica para serem transformados em óleo e sabão. O oficial substituiu as legendas: “Cadáveres de soldados sendo levados para uma fábrica de sabão.” e enviou as fotografias para a imprensa. O objetivo: Persuadir a China a juntar-se aos Aliados, uma vez que a profanação de cadáveres chocou profundamente a população chinesa.

A propaganda foi tão importante, que, à medida que a Entente e os aliados procuravam reafirmar seu poder de guerra, usaram também a propaganda para abalar o sistema inimigo, por meio da panfletagem tão eficiente, que, em um dos últimos boletins do 18º batalhão da Alemanha do Kaiser, lia-se: “O inimigo derrotou-nos no *front* da propaganda dos panfletos. O inimigo venceu-nos não em uma luta corpo-a-corpo no campo da batalha, baioneta contra baioneta. Não! Textos ruins impressos precariamente em papel de má qualidade fizeram claudicar nossos braços.” (Ibidem, p. 59)

⁶ MATTELART, Armand, Comunicação-mundo: História das Idéias e das Estratégias, p.64-67; Além da censura aos telegramas, eram proibidas: a utilização do telefone entre cidades, as greves, qualquer expressão sem consentimento militar.

⁷ Ibidem, p.62,



Logo, durante a guerra, a comunicação é fluxo com apenas uma direção, impulsionada para controle, exigindo disciplina conivente com a violência, cujo exercício pela comunicação faz outra vítima: a consciência humana. pois, sem a verdade, a maioria da população fica impedida de pensar sobre os acontecimentos, ou seja, sobre a própria realidade, a fim de pensar criticamente para tomar decisões. A comunicação torna-se um instrumento de controle do sistema em torno da causa da guerra, desencadeada pelo sistema político.

Conclusão:

Como a guerra se apresenta como um sistema rígido em função da destruição, para dominação de outro país (ou países), o controle exercido por meio do discurso informativo expresso por quaisquer linguagens de comunicação, se faz por meio de meias verdades, ou mentiras a fim de manipular a informação com o objetivo de ganhar a massa em favor da guerra. Portanto, concorda-se com Hanna Arendt que afirma: “Será da própria essência da verdade ser impotente e da própria essência do poder enganar?” (Arendt:1995, 9), o que foi comprovado na Primeira Guerra, quando houve a troca das legendas das fotos publicadas em jornal que circulava na China.

Há ainda a manipulação da informação veiculada pelos meios de comunicação para tornar coesa a opinião da massa em função do Poder, visto que ele se desfaz se não for numérico, ou seja, contar com o um número significativo de indivíduos em torno de si. De novo, recorre-se ao pensamento da filósofa, em função dessa afirmação:“(…) porque a opinião e não a verdade, é uma das bases indispensáveis de todo o poder” (1995, p. 17) ⁸ Nota-se que a manipulação da informação tem como consequência o aumento do número daqueles que apoiam o poder e retomando Arendt temos que o Poder utiliza a manipulação da verdade a seu favor: “Entretanto, o vigor da opinião, quer dizer, o poder do governo, depende de números; ele reside “na proporção do número ao qual é associado””⁹ (2009, p. 58).

Como a guerra é um sistema submetido ao sistema político, ela se impõe pelo poder bélico, pelo apoio do povo do próprio país em guerra e, ainda, de outros que a apoiam e corre o risco contínuo de se destruir enquanto sistema, se não for sustentada pelo povo, porque “Todas as instituições políticas são manifestações e materializações do poder; elas se petrificam e decaem tão logo o poder vivo do povo deixa de sustentá-las. (2009, p.57). Essa afirmação se confirma com a panfletagem realizada pelos Aliados sobre o exército alemão, o que causou a

⁸ Embora esta autora conceitue a palavra opinião como resultado do debate e do pensamento, sabe-se que os autores citados entendem-na como a reação imposta pelo poder aos indivíduos atomizados na massa, pois o Poder lança mão da persuasão para contar com o apoio dela.

⁹ A autora está citando uma frase de John M. Wallace.



destruição do sistema inimigo por meio da deserção dos soldados. Assim, quando o Poder se enfraquece, corre o risco de se deixar abater por outro mais forte, sem oportunidade de autocriação.

Diante do sistema político, que sempre se expressa ou se sustenta pela mentira e pela violência outro sistema que pode ser destruído é a consciência humana, que se torna vítima do poder também em contexto de paz, porque cerceada pela violência que se impõe pelos meios de comunicação, os homens ficam impedidos de pensar sobre os acontecimentos, ou seja, sobre a própria realidade, a fim de tomar decisões críticas.

Por outro lado, as Grandes Guerras ficaram no passado, mas observa-se que, após as guerras que envolviam populações inteiras de várias nações, o mundo globalizado fragmentou-se e as guerras também, ocorrendo em vários países articuladas agora por outros meios de comunicação, com o avanço das TIC. Portanto, é possível duvidar da possibilidade da existência de um sistema de paz, mesmo pela diplomacia, concordando com Hanna Arendt, citando um autor desconhecido: “em vez de a guerra ser “uma extensão da diplomacia” (ou da política, ou ainda da busca de objetivos econômicos) a paz é a continuação da guerra por outros meios – é o desenvolvimento efetivo nas técnicas de combate.” (2009, p.24).

REFERÊNCIAS:

- ARENDR, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2009.
- _____. **Verdade e Política**. 1ª ed.. Relógio D'Água Editores, 1995
- _____. **Origens do Totalitarismo**. S.Paulo: Companhia das Letras, 2004
- CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 2006
- CLAUSEWITZ, Carl Von. **Da Guerra**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996
- FREUD, Sigmund *O Mal-Estar na Civilização* (1927-1931) in **Obras Psicológicas Completas** (em Colaboração com Anna Freud). Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974
- MATTELART, Armand - **Comunicação Mundo: História das Idéias e das Estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994 (Col. horizontes da globalização)
- MORIN, Edgar. **Ciência com Consciência**. Trad.: Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória (4ª ed.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- VIRILIO, Paul. **Guerra e Cinema**. 1ª ed.. São Paulo: Scritta, 1993
- VIRILIO, Paul. **A Máquina de Visão: Do Fotograma à Videografia, holografia e infografia (computação eletrônica): a humanidade na “era da lógica paradoxal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.



WIENER, Norbert. **Cibernética e Sociedade: o uso humano dos seres humanos**. S. Paulo:
Cultrix, 1968

(